

A PRIMEIRA GERAÇÃO QUE DISCERNE

Do abandono da Fé à graça da escolha

Não há dúvida que Sínodo de outubro de 2019 criou uma nova fase na relação do binômio Igreja-Jovens. O evento foi algo para além das previsões, e que certamente também foi fruto e mérito de uma preparação cuidadosa, que antes de mais nada, conseguiu envolver um grande número de jovens e também movimentar, mais do que alguns poucos bispos, algumas conferências episcopais no tocante a esta temática¹, que se desvencilharam de certos estereótipos, assumiram um novo olhar e fizeram a experiência de escutá-los, resistindo à tentação de enquadrá-los em esquemas perceptivo-interpretativos fechados e rígidos, segundo os quais seriam classificados como perdidos, incrédulos ou razoavelmente polêmicos em relação aos ensinamentos da Igreja e certamente indiferentes e insensíveis a Deus e ao fenômeno religioso.

Vejamos então, nesta reflexão, o que este Sínodo descobriu e revelou sobre o mundo juvenil do segundo milênio, na tentativa de colher pelo menos algumas implicações nos quesitos fé e vocação. Afinal, foram estes os pontos principais e a finalidade geral do próprio Sínodo.

1. A experiência sinodal

O Sínodo (dos Bispos) é um evento tipicamente eclesial, no qual seus Pastores se reúnem para compartilhar reflexões, inquietudes, discernimentos, traçar diretrizes e perspectivas para o futuro sob a luz e ação do Espírito Santo, em espírito de unidade com o Santo Padre. Este evento foi ocasião propícia para se verificar na prática a *sinodalidade*, nunca experimentada antes. Não é uma visão externa ou impressões obtidas diante do trabalho feito e nem mesmo como testemunho de quem participa pela primeira vez de um sínodo, mas de quem já participou de três, quatro ou mais Sínodos e acha que de longe este foi o melhor comparado aos demais. Por qual razão? Qual é a motivação profunda de tal impressão?

1.1. “Igreja e Sínodo são sinônimos”²

A resposta é simples e direta: o clima de *sinodalidade* permeou toda a assembleia reunida em Roma, do primeiro ao último dia, numa crescente progressiva. Foi um verdadeiro Sínodo como tem que ser, *ante litteram*, ou um Sínodo sobre a forma sinodal da Igreja. Não foi simplesmente um Sínodo temático para se tratar de um tema, ainda mais problemático, isto é, “os jovens”, mas uma experiência real de um caminho

¹ Foi interessante, a este respeito, e também um pouco desconcertante, tudo o que aconteceu na fase preparatória, quando um questionário foi enviado às várias Conferências Episcopais de todo o mundo sobre a situação dos jovens e daquilo que eles esperam da Igreja, ou sobre o que os decepcionam, ou com a impressão de não terem recebido respostas, e houve aqueles que direta ou indiretamente admitiram que não tinham uma relação direta com o mundo da juventude e, portanto, também um conhecimento pontual do fenômeno.

² São João Crisóstomo, citado pelo Papa Francisco e pelo *Documento Final do Sínodo dos Bispos (DF): os jovens, a fé e o discernimento vocacional*, Roma 2018, 121.

feito e trilhado em conjunto: o Papa Francisco, bispos e padres, educadores e animadores juvenis, anciãos e jovens, homens e mulheres... Caminho de reflexão sobre a Igreja, sua missão, seu estilo de acompanhar os jovens e o discernimento vocacional deles.

De modo particular, é este o diferencial do evento, foram os próprios jovens que, com sua participação ativa, “despertaram” a *sinodalidade* da Igreja, na sua “dimensão constitutiva ...”, porque a Igreja não é outra coisa senão o ‘caminhar juntos’” do Povo de Deus pelos caminhos da história rumo ao encontro com o Cristo Senhor (Francisco, Discurso pelas Comemorações do 50º aniversário do Sínodo dos Bispos, 17 de outubro de 2015)³. Os jovens provocaram e ajudaram a Igreja a redescobrir esta dimensão da sua Natureza⁴. E não poderia ser diferente: “Os Padres sinodais notaram como a colegialidade que une os bispos entre eles e com o Papa seja articulada e enriquecida através da prática efetiva (e não meramente de afirmações teóricas) da ‘sinodalidade a todos os níveis’” (DF 119) a qual envolveu os jovens”⁵. Por outro lado, como seria possível organizar um Sínodo sobre os jovens sem eles? Teria sido insensato. Além dos mais, os jovens participantes deste Sínodo se prepararam durante dois anos, como nunca tinha acontecido antes pelos outros sujeitos eclesiais envolvidos nos Sínodos anteriores⁶. Uma preparação que se refletiu nas discussões e trabalhos, bem como na qualidade de participação dos jovens ao encontro romano com intervenções “concretas e realistas, críticas e proféticas, iluminadas e perspicazes... sem os jovens esta Assembleia sinodal não teria sido a mesma”⁷.

1.2. Do Sínodo dos bispos sobre os jovens ao Sínodo dos jovens sobre a Igreja

Esta mudança de perspectiva foi tida como uma intuição progressiva, nascida dentro da Plenária e advertida também ao externo: o Sínodo é, por definição, “dos” bispos, encontro de mais alto nível dos Pastores, como já mencionamos, ao qual podem participar alguns especialistas ou convidados especiais para ajudar na reflexão e no discernimento. Todavia, este Sínodo, desde o início, foi concebido de modo diferente: os jovens não eram simples convidados (embora fossem bem-vindos, teriam uma participação limitada) e nem mesmo especialistas (para serem consultados apenas em caso de necessidade); na verdade, eles desenvolveram um papel

³ DF, 121.

⁴ “Igreja e Sínodo são sinônimos”.

⁵ Revista “La Civiltà Cattolica” (A civilização católica), *Editorial*, 4041(2018), IV, 212.

⁶ Eis as etapas mais importantes desta participação juvenil no pré-sínodo: as respostas ao *Questionário online* para jovens (junho a dezembro de 2017), a participação ao *Seminário Internacional sobre a condição da Juventude* (11 a 15 de setembro de 2017) e o *Encontro pré-sinodal dos jovens* (18 a 24 de março de 2018, com cerca de 300 jovens reunidos de diferentes partes do mundo, e 15 mil presentes através das mídias sociais). Desta complexa e laboriosa participação saiu um Documento que os próprios jovens entregaram ao Papa em 25 de março de 2018; é o texto mais citado no *Instrumentum laboris*, e que foi considerado decisivo no processo de preparação para o próprio Sínodo.

⁷ R. Sala, *O Documento Final do Sínodo dos jovens*, citado pela “La Rivista del clero italiano” (A revista do clero italiano), 11(2018), 737-738.

totalmente diferente, o que permitiu tornar o Sínodo *dos* Bispos sobre os jovens, Sínodo *dos* jovens sobre a Igreja.

A beleza e a originalidade do processo é que as duas perspectivas propostas foram assumidas por todos e entrelaçavam-se com muita frequência: por um lado, a Igreja fez sua própria reflexão sobre o universo juvenil e sobre como tornar a sua presença sempre mais próxima a tal universo e a própria oferta cada vez mais credível e experimentada (perspectiva tradicional); por outro lado, os jovens se fizeram ouvir (até mesmo fazendo um pouco de barulho, como o Papa lhes havia pedido⁸), apresentando dúvidas, expectativas, receios, preocupações, decepções, esperanças, até mesmo algo que se assemelhasse à reprovação, certamente fazendo-se a voz daqueles que não estavam presentes; daqueles que não pertencem à comunidade de fé ou daqueles que a abandonaram, ou ainda daqueles que gostariam de acreditar, mas estão receosos pela incoerência de alguns; daqueles que parecem indiferentes, ou até mesmo daqueles que são contrariados com a Igreja, etc. Eles fizeram isso com sensibilidade e benevolência, mas também com força e *parresia*, colocando-se em diálogo com a perspectiva dos Pastores⁹. Tanto é que no DF aparece como uma evidente tentativa de olhar os jovens com os olhos da Igreja e olhar a Igreja com os olhos dos jovens¹⁰.

Isso não deve ser entendido como um gesto de cordialidade do adulto ou idoso, ou daqueles que detêm o poder e talvez estejam em crise de consenso (e os jovens poderiam ser úteis em recuperá-lo), mas simplesmente porque é assim que deve ser na Igreja, na qual não existe “nós x vocês”, mas um “nós” inclusivo, não “a Igreja e os jovens”, mas os “jovens na Igreja”. E nesta mesma ótica, não olhar os jovens como um problema, mas como uma *bênção*; não como o futuro da Igreja, mas como o presente; não apenas como objetos de estudo do Sínodo ou assunto sobre o qual se fala nas longas discussões entre sacerdotes e agentes pastorais, mas como *sujeitos* e *protagonistas*, que podem dar uma importante contribuição para o caminho da renovação da Igreja; não como um universo indecifrável ou enigma incompreensível, mas como um *mistério a ser compreendido* e um *aliado indispensável para a vitalidade da Igreja*; não apenas destinatários de ações pastorais, mas como aqueles que sabem

⁸ Na realidade, o Papa Francisco tinha utilizado um outro termo (“bagunça”), adaptando-se à linguagem dos jovens para se fazer compreender bem.

⁹ É muito significativo que o mesmo fenômeno de deslocamento do ponto de referência tenha sido realizado cerca de quatro meses depois do evento em um outro encontro no Vaticano, de um outro gênero, ou seja, em uma ocasião de um encontro com o Papa e os presidentes das conferências episcopais mundiais sobre a proteção dos menores e a prevenção dos abusos sexuais. Em tal *cúpula* um papel sempre mais determinante foi lançado das vítimas dos mesmos abusos, escutado cada dia de um auditório que, graças à eles, como foi unanimemente reconhecido, incluído ainda mais profundamente o drama do abuso e o imenso sofrimento causado, os danos e as consequências por parte das vítimas, as responsabilidades de cada um e da Igreja inteira... Alguém falou até de “magistério das vítimas”. Colocando junto os dois eventos (Sínodo sobre/dos Jovens e o Congresso sobre Abusos) se poderia dizer que foi exatamente a sinodalidade que favoreceu este deslocamento de acentos e atenções, favorecendo uma mais correta e intensa compreensão do problema. Quando na Igreja se dá a palavra a todos, às vezes emerge inesperadamente a autoridade da própria palavra, independentemente do papel institucional.

¹⁰ A. Rosina, *Scoprire con i giovani i motivi della fede*, citado pela “La Rivista del clero italiano”, 11(2018), p. 759.

como e onde começar o *processo de mudança* por sua capacidade de falar as linguagens do tempo, por saber acolher as diferenças e ir além das barreiras mentais¹¹.

1.3. Os jovens, símbolos de uma Igreja que se renova

Tudo o que falamos acima foi experimentado no Sínodo, onde os 34 jovens ouvintes provenientes de todo o mundo foram-se revelando como “um recurso precioso, capaz de dar um estilo dinâmico e alegre aos trabalhos, de modificar protocolos na sala de encontro, para revelar uma vitalidade e talentos que certamente mudaram a percepção de muitos”¹².

Tudo isso não pode causar que grande prazer. Porém, é necessário fazer mais uma observação: aqueles jovens não eram quaisquer jovens, mas eram jovens escolhidos a dedo e *super* selecionados, alinhados e pertencentes à mesma fé. Também é verdade, como dissemos acima, que eles pretendiam falar também em nome daqueles que estavam ausentes e não necessariamente compartilham das mesmas convicções, inquietudes e questionamentos. Não obstante, teria sido outro Sínodo menos útil e frutuoso se, no lugar dos 34 escolhidos cuidadosamente pelas Conferências Episcopais, participassem jovens aleatórios, escolhidos ao acaso, talvez polêmicos com a instituição-Igreja ou declaradamente não-confessionais, ou cristãos inertes, ou apenas para atingir um número meramente estatístico. Um outro Sínodo, sem dúvidas, e não certamente menos útil e fecundo como este.

Diante disso, tentaremos dar voz aos jovens que não puderam estar presentes no Sínodo (embora não estivessem totalmente ausentes) e ver mais claramente a situação geral dos jovens de hoje, aproveitando-nos destas reflexões que interpelam e expõem, indicam e provocam a Igreja e qualquer outra instituição (que tenha a coragem de ser interpelada).

Veremos esta realidade a partir de três pontos de vista diferentes e convergentes.

a) Lugar psicológico: os jovens como termômetro de mudança

“Em qualquer época histórica e em qualquer lugar do mundo, os jovens são a parte da humanidade mais desejosa de preencher de sentido e valor a própria vida, mas também de beleza e bem-estar a comunidade na qual vivem”¹³. A juventude como lugar psicológico desta busca de sentido, do verdadeiro e do belo, dentro e fora de si, de busca experiencial levada adiante com os recursos próprios. É por isso que cada geração é jovem à sua maneira e nenhuma chega a ser igual àquela que a precedeu (de seus pais ou avós). Substancialmente, os jovens *“são os meios pelos quais a sociedade*

¹¹ C. Giaccardi, *I giovani risvegliano la Chiesa. Note dopo il Sinodo*, citado pela “La Rivista del clero italiano”, 11(2018), 748-749.

¹² Como continua e reconta a mesma Giaccardi: “Sem o apressamento barulhento deles, sem a franqueza deles, sem a paixão das intervenções deles, muitos temas não poderiam ser confrontados com tamanha lucidez, serenidade, e tanta misericórdia, e certamente os non placet (não assentimento) sobre muitas questões teriam sido muito mais numerosos” (*Ibidem*, 754).

¹³ Rosina, *Scoprire con i giovani*, 757.

experimenta um mundo em mudança e responde aos seus desafios”¹⁴. Eles desempenham uma função de grande importância: eles sinalizam que o mundo muda e que é impossível viver simplesmente ‘copiando e colando’ ou simplesmente ignorando a mudança. O novo sempre vem. E isso em todos os níveis, incluindo o espiritual e o religioso.

É por isso que uma certa transmissão de significado e valor, antes eficiente e espontânea (de pai para filho) não é mais eficaz, mas deve ser adaptada às diferentes antropologias das novas gerações. No entanto, é necessário que o mundo adulto não se torne rígido, nem abandone o jovem à sua busca, e permita que novas energias e inteligências encontrem espaços e ferramentas para viver de acordo com seus anseios e potencialidades de se tornarem o *novo* que pode enriquecer o bem comum. Uma novidade que deve ser entendida, antes de ser julgada; que deve ser ajudada e incentivada a emergir e tornar-se consciente do que se pode tornar. No entanto, se ao invés de estímulo e incentivo, esta novidade encontrar resistência e rejeição, não será possível oferecer uma contribuição positiva para a sociedade, e os jovens experimentarão a frustração frente à sua necessidade particular do verdadeiro e do belo. Desse modo ninguém ganha, muito menos no que se refere à fé e à sua transmissão.

b) Lugar teológico: novidade e jovialidade permanente da fé

A mesma novidade ocorre em um nível superior relativo à fé e sua transmissão: “os jovens são o modo pelo qual a Igreja redescobre as razões da fé em novos tempos”¹⁵. Neste quesito a contribuição dos jovens é fantástica e desafiadora. A geração jovem sinaliza à Igreja que uma certa modalidade de transmissão da fé não é mais atraente e talvez não seja negativo o fato de ter sido interrompida – como veremos mais adiante – porque na realidade a fé não é algo a ser conservado e transmitido (de pai para filho), mas é resposta a Deus que faz novas todas as coisas (cf. Ap 21, 5) e que não se repete; que acompanha a história do homem e se mostra nova a todo instante, nos acontecimentos, na evolução cultural e nas diferentes culturas, no progresso da humanidade (ainda que com suas contradições e desigualdades), em seus próprios sofrimentos e vicissitudes, em seus questionamentos e inquietudes, nas diferentes espiritualidades, na sensibilidade do homem (sedento de amor e um grande amor) cada vez mais atraente e que vai além da aparência e em vista do Mistério... Ao mesmo tempo é fé em um Deus, presente, mas nem sempre visível, marcada pelo sentimento de ausência e silêncio; às vezes este Deus parece abandonar o homem à sua sina quando não responde às suas expectativas, quando não se deixa encontrar onde o homem procura espontaneamente, pois Ele se esconde no “sopro da brisa

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ *Ibidem*, 760.

suave” (1 Re 19,12). Tudo isso hoje de um modo particular: “os desafios de pensar a fé no mundo moderno mudaram completamente em relação ao mundo pré-moderno”¹⁶.

Enfim, da mesma forma que não existe uma geração igual à outra, também não existe um único modo de crer como nos foi ‘transmitido’, sempre pelas mesmas razões e em respostas às mesmas questões, com a mesma lógica e os mesmos pontos de referência do passado, com a mesma atitude interior na busca das mesmas evidências. É sempre o mesmo Deus-Pai de Jesus Cristo, mas que estabelece com o homem concreto em suas vicissitudes, um relacionamento inédito em função de uma revelação de Si e do seu rosto inevitavelmente novo e que o homem deveria saber acolher e reconhecer esta novidade. Um Deus que se desvencilha do pretexto que transforma fé em ideologia (o Deus do ontem no ídolo de hoje), e ao invés disso, convida o homem a segui-Lo em um caminho e numa descoberta sem fim, atento ao hoje e à Palavra preparada para ele, porque não é o homem que faz a experiência de Deus, mas é Deus que faz a experiência do homem!

Pois bem, a nova geração jovem está, por sua própria natureza, mais propensa a essa novidade: compreender seu valor diferente do passado, ou de vê-lo não em oposição a ela. O jovem de hoje absorve a sensibilidade do homem hodierno melhor do que aquele que o precedeu, sente dentro de si os pontos de interrogação e as expectativas; e, portanto, adverte sobre a necessidade de uma nova maneira de acreditar, como algo que só pode enriquecer o sentido e a beleza da fé, enquanto passa por um desafio e uma busca contínua. Certamente este processo é muito mais saudável e mais frutífero se for feito em conjunto, dialogando com a geração anterior.

Em todo caso, e precisamente por este motivo, o DF chega a dizer com coragem: “os jovens, em alguns aspectos, podem estar à frente dos pastores”¹⁷. É uma declaração muito exigente e nova, que poderia ter implicações inesperadas e até mesmo desestruturantes.

c) Lugar sociológico: o fim do Cristianismo convencional

Existe uma última característica a ser considerada nesta geração jovem do ponto de vista sociológico ou da relação intergeracional: os jovens de hoje evidenciam o fim do cristianismo sociológico, ou seja, daquele transmitido de geração em geração. Hoje vivemos em uma sociedade secularizada, na qual não tem tanta diferença ser ou não ser cristão, na qual existe um vazio na passagem da fé transmitida de geração em geração, tanto que podemos dizer que os jovens de hoje são a “primeira geração incrédula”¹⁸ que vive tranquilamente sem a dimensão da fé, enquanto é contraditório e evidente o aumento numérico daqueles que aderem à mensagem cristã e ainda mais

¹⁶ Y. Reungoat-L.Gaetani, *L'accoglienza è vocazione, non possiamo voltare la testa*, in “Vita consacrata”, 55(2019/1), 20.

¹⁷ DF, 66. Dois números anteriores o DF afirma: “Os jovens são um dos ‘lugares teológicos’ nos quais o Senhor nos faz conhecer algumas das suas expectativas e desafios que servirão para construir o futuro” (DF, 64).

¹⁸ Cf. A. Matteo, *La prima generazione incredula*, Rubbettino, Soveria Mannelli 2017.

daqueles que a praticam. Ou seja, estamos cada vez mais diante de uma crise real do cristianismo convencional.

Mas os efeitos não são de tudo negativos, pois teremos, de fato, um cristianismo escolhido livremente como norma de vida e, por isso mesmo, feito por uma minoria. Chegaremos à fé pela conversão e convicção pessoal, não pela convenção social; a adesão da fé será proposta à pessoa através de um caminho individual e será cada vez menos transmitida através de um sistema de conservação de pai/mãe para filho/filha e que se estenderá até a massa. As comunidades cristãs serão pequenas comunidades, baseadas mais nas relações interpessoais do que nas estruturas da Organização. O cuidado pastoral nascerá do confronto real com a vida e não da simples transmissão de algo que apenas se repete e se conserva. E se muitos abandonarem a prática da vida cristã, estes são exatamente os cristãos da estatística e que nunca fizeram um discernimento da fé. Em outras palavras, voltaremos a viver uma situação semelhante a dos cristãos dos primeiros séculos. Tertuliano nos tempos da Igreja primitiva dizia: “Não se nasce cristão, se torna”. A partir do século V, com a cristianização do Império Romano, a situação teve uma reviravolta: “Se nasce cristão e não se pode não ser”. Estamos agora de volta à situação do início provavelmente mais crível: não se nasce mais cristãos, pode-se tornar cristãos, ou seja, já não é mais entendido como necessário para viver bem e com valores humanos a própria vida¹⁹. A fé, mesmo agora, é apenas uma entre tantas outras possibilidades, e será assim cada vez mais ²⁰. É inútil negar: o mundo que temos atrás de nós deixará de existir. Portanto, é uma perda de tempo lamentar ou multiplicar esforços para trazer as coisas de volta como eram há 50 anos. Neste caso, se trata de uma generosidade pastoral mal orientada que só pode levar à decepção e à frustração.

É muito melhor ir corajosamente em direção a uma perspectiva que pode ser muito promissora em vista de uma nova vida e uma fé mais autêntica²¹. Não é o fim do mundo, de fato, mas é o fim de um certo mundo que se considerava “religioso”; não é o fim do cristianismo, mas de um certo cristianismo, aquele definido pela sociologia; não é o fim da fé, mas de uma certa fé, mais convencional e “conservadora” não escolhida e convicta; não é o fim da presença dos jovens na Igreja, mas de uma certa pastoral juvenil que tomou por certo a adesão de fé²² e de fato dirigida a jovens que

¹⁹ Várias são as atitudes em relação ao sentimento religioso enquanto tal. Com sua pesquisa Garelli descobriu que para muitos jovens o “acreditar em Deus” e o “ter uma fé religiosa” são “atitudes privilegiadas na sociedade contemporânea”. O sociólogo acredita que este resultado positivo esteja ligado ao fato que “na idade da modernidade avançada, não existem respostas unívocas às interrogações fundamentais da vida” da parte da cultura atual (*In ascolto dei giovani. Domande Garelli*, in “Vita consacrata” 55(2019/1), 46. A pesquisa é retratada também em A. Galimberti, *É uma Igreja para os jovens*, provemos a escutá-los, Âncora, Milão 2018).

²⁰ Significativa é a troca de brincadeira entre o Cardeal Biffi, quando era Bispo de Bolônia (anos 90 do século passado), que falou de uma cidade “saciada e desesperada”, e um jornalista lhe replicou: “Desesperado é o senhor, nós somos saciados e contentes de sê-lo!”

²¹ O especialista em pastoral e catequese Biemmi, no qual me inspirei neste parágrafo, diz que “as águas se dividiram”.

²² Como observa justamente E. Bianchi, “Acabou o tempo de uma pastoral de mudança. É tempo de uma mudança de pastoral”, (Prefácio em A. Matteo, *A primeira geração incrédula*).

não são mais aqueles de hoje²³. De qualquer modo, o cristianismo que está por vir não é pior que o que está atrás de nós; devemos estar convencidos, como quis dizer o Sínodo.

Como ficar lamentando por um cristianismo da obrigação e da prática, da manutenção ou conservação, e não se ter esperança num cristianismo da graça e liberdade, de escolha pessoal e de convicção? “Uma comunidade – por um lado – não pode viver apenas da manutenção: precisa de uma alma jovem e apaixonada; de nutrir-se da alegria pela busca e pela descoberta; não temer os desafios, a hospitalidade, o encontro e o diálogo”²⁴. Como olhar com nostalgia o cristianismo da norma para todas as situações e não compreender a beleza e até mesmo o risco de discernir a partir da fé a cada passo do caminho? Como permanecer na lógica de um Deus que quer marionetes e inculca medo, e não deixar-se seduzir pela descoberta de um Pai que quer seus filhos felizes?

Assim, tal movimento não deve ser tido como pessimista, nem deve dar espaço para juízos que soem como prenúncio sombrio de um futuro adverso. Esse desencantamento torna-se, ao contrário, um estímulo ao “reencanto” e à paixão pastoral dos jovens e pelos jovens a serem educados na escolha da fé pelos adultos, não somente dos que creem, mas também críveis em sua própria escolha.

d) Geração incrédula?

É justamente por isso que é preciso ir além da impressão de que a geração atual seja apática e indiferente, e por último, incrédula, não somente porque isso não se aplica a todos²⁵, mas sobretudo porque não estamos num beco sem saída; ao contrário, estamos diante de uma graça e um desafio, seja para a Igreja como para o mundo juvenil.

Ademais, a geração jovem é incrédula ou pode se tornar agnóstica e indiferente, quando aquela busca pela fé não encontra caminhos experienciais, oferecidos pela comunidade de fé a quem está no caminho e precisa ser acompanhado; ou pela busca que permanece incompleta quando o ato de fé não é suficientemente articulado na pedagogia da fé, que leva gradualmente à decisão de crer de modo livre e responsável. Arrisca ser uma geração incrédula aquela que não encontra adultos de fé capazes de dar sentido às suas esperanças, ou aquela que tem a impressão de que suas dúvidas não sejam reconhecidas como busca genuína pela verdade. Ou pelo fato de não

²³ Observa ainda Garelli em relação aos jovens de hoje: “Amam a pesquisa, não as respostas pré-confeccionadas. Estão mais atentos aos movimentos vitais da existência, ou da experiência religiosa que aos ritos formais. Não dão por descontado a própria fé, para qual a adesão deve ser renovada dia após dia. Estão a caminho: não aceitam a fé numa caixa fechada. (*In ascolto dei giovani*, 46).

²⁴ J. Tolentino Mendonça, *Elogio della sete*, Vita e Pensiero, Milano 2018, p.144. Claro, como diz Accattoli, que “a preservação da existência não para jogar fora...: o apego dos praticantes aos domingos, às igrejas e às missas é a reserva da aurea que vem do passado, mas não basta. Se não se realiza a saída, o tesouro afundará com a nave”. (L. Accattoli, *Come svegliare una parrocchia. E portarla all'uscita*, in “Il Regno. Attualità”, 22(2018), 696).

²⁵ Garelli estima em um bom 30% do percentual dos jovens que poderiam se definir sem Deus e sem religião, ou que estão se tornando atéia, agnóstica, ou indiferente (cf. *In ascolto dei giovani*, 44-45).

existirem ao seu lado adultos maduros, mas adultos imaturos que não assumem sua responsabilidade como tais para contribuir no crescimento integral do jovem e, desse modo, não permitem que os jovens sejam protagonistas da sua história, tirando-lhes o espaço vital²⁶. Ou ainda pelo fato de se ver que a Igreja não é suficientemente uma comunidade viva, nem um ambiente estimulante, tentada a se fechar nela mesma, incapaz de dialogar com quem se abre à fé, com quem está desiludido com a Igreja, ou com aqueles que fadigam em crer, com quem não obstante tudo busca a verdade, ou parece não busca-la mais..., adultos em Cristo que crescem em sua própria fé, acompanhando a dos outros, deixando-se de algum modo evangelizar. Essa é uma Igreja “aberta ao mundo, à concretude de vidas vividas em um tempo e lugar, num clima social e cultural que nunca é irrelevante”²⁷.

Somente a partir disso é que seremos uma Igreja que gera: uma Igreja que se deixa fecundar, que se deixa renovar justamente naquilo que a constitui no seu Ser, na sua fé. Nesta perspectiva, os jovens poderiam ser este elemento fecundo e, ao mesmo tempo, o fruto dessa geração que continua imprescindível no tempo e que regenera a própria Igreja.

A Igreja com o Sínodo 2018, “sai em direção aos jovens, haja vista que não é mais capaz de atraí-los”, e caminha com os jovens, confiando-lhes a tarefa de ajudar o seu renascimento”²⁸.

Grande mistério!

2. Proposta do Sínodo: discernimento e geração digital

A Igreja, otimista com as novidades que emergiram do Sínodo dos jovens os escuta e se deixa provocar por eles, é também uma Igreja propositiva, que encoraja os jovens a trilhar o caminho que conduz à fé, como descoberta do sentido da vida, conduzindo-os do discernimento do sentido da vida em Cristo ao discernimento vocacional, como descoberta e escolha do seu próprio lugar na vida.

É o momento de dizer então: a palavra nova e a autêntica proposta pelo Sínodo não é a fé ou a vocação, nem mesmo a relação entre estas duas realidades ou a animação vocacional entendida como uma tentativa de tornar-se atraente, mas, sim, o *discernimento*. Essa seria também a resposta mais adequada à situação que o jovem está vivendo hoje, ao novo modo de ser e de tornar-se cristão, à nova figura da fé.

2.1. Centralidade da consciência que discerne

²⁶ Interessante o que A. Matteo diz em relação: “Onde os adultos e idosos não se comportam, nem são realmente como pessoas adultas, os jovens necessariamente não podem ser jovens. E quando os jovens não podem viver como jovens, o bem da sociedade inteira é colocado em sério risco” (A. Matteo, *Quando i giovani possono fare i giovani. Piccola nota sul dialogo intergenerazionale*, in “La Rivista del Clero italiano”, 2(2019)153).

²⁷ Giaccardi, *I giovani*, 756.

²⁸ *Ibidem*, 748. 747.

A Igreja se coloca como lugar “onde são acolhidas todas as perguntas; onde, à luz do Evangelho, se encoraja a uma busca pessoal”²⁹; onde, sobretudo, este caminho é acompanhado (pelo menos como ideal).

O DF deixa tudo isso explícito na sua estrutura dividida em três partes e sublinha os vários dinamismos desse acompanhamento: reconhecer, ou melhor, escutar e ver com empatia (primeira parte); interpretar ou deixar-se guiar pelo Espírito a fim de aprender a discernir (segunda parte); caminhar juntos, sair em missão, formar-se e deixar-se formar para decidir (terceira parte).

O coração deste discurso ou o elemento central (colocado propositalmente no centro do texto)³⁰ é a *consciência*, à qual cada página do documento parece ser orientada, sinal claro e evidente do seu reconhecimento e sua valorização, em duas direções. A consciência, antes de tudo, como “um lugar privilegiado de uma intimidade especial com Deus e de encontro com Ele, no qual sua voz é ouvida: ‘a consciência é o núcleo mais secreto e o santuário do homem, onde ele se encontra a sós com Deus, cuja voz ressoa na intimidade do seu ser’ (Gaudium et Spes, 16)”³¹. Em segundo lugar, a consciência como fundamento para o *discernimento espiritual* (outro termo estratégico deste Sínodo). A consciência da intimidade profunda com Deus, como de fato enfatiza e especifica com muita propriedade o texto, “não coincide com o sentir imediato e superficial, nem com a ‘percepção de si mesmo’: atesta uma presença transcendente, que cada um encontra na sua própria interioridade, mas da qual não pode dispor”³². Além disso, mesmo essa “redescoberta” ou “sentir” em si não é automático, mas deve ser objeto de cuidadoso discernimento.

De um lado, a Igreja pretende se colocar ao lado dos jovens para que, com sua própria consciência, continuem realizando este trabalho de busca e de reconhecimento da ação de Deus em suas vidas, bem como, discernindo sobre as respostas encontradas. Doutro lado, a Igreja deve ter a atenção em favorecer concretamente este processo, com tudo o que implica em nível educativo e espiritual, sem substituir a consciência do jovem: “somos chamados a formar consciências, não a pretender substituí-las”³³.

O discernimento, na verdade, é um exercício absolutamente pessoal e intransferível. O Sínodo assim o define “o esforço sincero da consciência por conhecer o bem possível sobre cuja base possa decidir-se responsabilmente no correto exercício da razão prática, no âmbito e à luz da relação pessoal com o Senhor Jesus”³⁴.

São palavras que dizem respeito à complexidade da operação, enquanto valorizam a liberdade pessoal de cada um à luz de seu relacionamento com o Senhor, e sua capacidade de conhecer o bem, ou melhor, de “senti-lo” em sua beleza e verdade

²⁹ J. M. Bergoglio, *Messaggio alle comunità educative*, Buenos Aires, 21/IV/2004.

³⁰ Cf DF, 106-110.

³¹ *Ibidem*, 107.

³² *Ibidem*.

³³ *Amoris laetitia*, 37.

³⁴ DF, 109.

a ponto de escolhê-lo. Uma operação que, portanto, pede à Igreja que preste atenção em ajudar as pessoas – sem exceção – a ler sua própria história, aderir com liberdade e responsabilidade ao chamado batismal, reconhecer o desejo de pertencer e contribuir para a vida da comunidade e discernir as melhores formas para que isso aconteça”³⁵.

Mas acima de tudo, esta atenção à *consciência-que-discerne* diz a intuição, por parte do Sínodo e da Igreja, do significado da crise que vive não só o mundo da juventude, mas toda a comunidade dos fieis, juntamente com a perspectiva educativo-formativa para dar a esse momento crítico. Se, de fato, como já ilustramos antes, estamos cada vez mais nos movendo em direção a um cristianismo de escolha livre e responsável, fundado e construído internamente, a centralidade estratégica da capacidade de escolha e uma pedagogia de discernimento é clara.

2.2. Qual é a consciência na geração digital?

É necessário tentar entender a situação atual da relação entre os jovens e a consciência, ou pôr-se a questão do quanto seja a geração jovem consciente da sua própria consciência, seja familiarizada com ela, visite-a de alguma forma, seja referência para interpretar, compreender, aproveitar a vida, escolher quem se deseja ser, mas também para amar e deixar-se amar, ou ainda, para procurar e encontrar Deus; o quanto conheço dos seus recursos, mas também a possibilidade de perdê-la a tal ponto de quase de viver “sem consciência”; o quanto si perceba a necessidade de educá-la e do risco de que esta seja condicionada por fatores mais ou menos obscuros; o quanto, de fato, ele vive com uma consciência *delegada*, não pessoal e livre, ou que não sabe mais como se deixar atrair pelo que é verdadeiro, belo e bom; ou quanto seja lúcido que antes da liberdade de consciência vem o direito-dever de formá-la na verdade...

Certamente não pretendo neste estudo responder plenamente a todas estas questões, mas gostaria apenas de ver um aspecto desta realidade, partindo de uma atenção que encontramos no DF, o qual – entre os “três pontos cruciais” da situação juvenil de hoje – reconhece explicitamente a “novidade do ambiente digital”³⁶, ou aquela que poderíamos chamar de “geração digital”.

a) Nativos digitais

A referência do texto sinodal é muito realista: do ambiente digital são reconhecidas as oportunidades (de diálogo, encontro e troca, muito além dos limites do relacionamento físico e até mesmo no quesito anúncio evangélico, oportunidades de informação e treinamento), mas também as ambiguidades (em relação à percepção de si e dos outros, à qualidade do relacionamento interpessoal, muitas vezes tida por

³⁵ *Ibidem*, 150.

³⁶ Cf DF, 21-24. Os outros dois pontos seriam o problema dos migrantes e os abusos sexuais (*ibidem*, 25-31).

ambígua e superficial, pois na rede a imagem conta mais do que a capacidade de escuta, pode-se fingir e se esconder), e o *lado escuro*: a rede é também um território de solidão ou espaço de fuga do outro em carne e osso, revelando relações doentias ou incapacidade relacional, pode determinar perda de contato com a realidade concreta, explosão descontrolada de agressão e incitação à violência, difusão de pornografia e exploração sexual das pessoas, manipulação das consciências e divulgação de notícias falsas, como “expressão de uma cultura que perdeu o sentido da verdade e manipula os fatos a partir de interesses particulares”³⁷.

“O ambiente digital não é um mundo paralelo ou puramente virtual, mas parte da realidade cotidiana de muitas pessoas, especialmente das mais jovens”³⁸, os chamados “nativos digitais”. Segundo os especialistas, seriam os nascidos desde 1995, criados e educados a partir das tecnologias digitais, as quais produziram nova linguagem e uma nova maneira de organizar o pensamento, o que, por sua vez, modifica até mesmo a estrutura cerebral dessas pessoas³⁹.

É normal que isso também afete a consciência do jovem. Veremos seus efeitos considerando nos aspectos sucessivos as outras duas formas de pertencer à geração digital.

b) Imigrantes digitais

Eles são aqueles que nasceram antes de 1995, e que usam uma tecnologia que eles tiveram que aprender, mas que nem por isso, estão expostos aos mesmos efeitos.

Em uma reflexão muito interessante, F. Occhetta e P. Benanti⁴⁰ mostram o maior perigo, talvez, dessa relação com a rede na *dependência cada vez mais significativa e invasiva do sujeito da rede em todas as suas expressões*. Com a consequente e progressiva perda de contato consigo mesmo, com o Eu mais profundo, com o mundo interior da própria sensibilidade, onde se forma a consciência, sacrário da presença de Deus em nós ... corre o risco de saber, em tempo real, o que acontece do outro lado do mundo, mas ignorando o que está no fundo do nosso coração. Vivemos como em uma centrífuga em alta velocidade, que nos afasta de nós mesmos e nos torna estranhos a nós mesmos. Enquanto, paradoxalmente, sem exagero, um outro nos observa e sabe tudo sobre nós, ‘marca-nos’ para depois nos ‘vigiar’ e condicionar, como um irmão mais velho⁴¹.

³⁷ *Ibidem*, 24.

³⁸ Bento XVI, *Mensagem per la XLVII Jornada Mundial das Comunicações Sociais*).

³⁹ Para tais indivíduos “a imersão nas redes é muito relevante: em 5 anos eles transcorrem 10.000 horas com videogames, trocam pelo menos 200.000 e-mail, passam 10.000 ao celular, 20.000 diante da televisão, observando ao menos 500.000 propagandas publicitárias, porém dedicam somente 5.000 horas à leitura” (M. Prensky, *Digital Natives. Digital Immigrants*, em *The Horizon* 9/5(2001) 1-6, em www.scribd.com, citado por F. Occhetta-P. Benanti, *Argonauti digitali. I giovani e la ricerca di senso*, em “*La Civiltà Cattolica*”, 4038 (2018, III), 475.

⁴⁰ Occhetta-Benanti, *Argonauti digitali*, 469-480.

⁴¹ “Todos nós somos espionados. Somos monitorados e arquivados em qualquer hora do dia, através dos nossos telefones celulares e nossos computadores, nossos carros e até por nossos eletrodomésticos. Somos objeto de constante atenção não dos Serviços Secretos ou dos aparatos estatais, mas de uma indústria global que transforma informações sobre nosso

A rede, em última instância, não é apenas oportunidade e multiplicidade de informação que pode ser acessada com muita facilidade (e uma sutil sensação gratificante de poder, o poder de conexão com tudo e todos), mas é uma maneira de pensar que afeta cada vez mais minha vida. É algo que tem seu próprio poder (muito mais real e desonesto que o outro poder), muitas vezes desconhecido para nós, acostumados como estamos a ligar o telefone, o computador e começar a navegar na internet, sem estarmos cientes de que é a internet, na verdade, que nos leva onde ela quer.

Segundo G. Ruggeri, existem quatro critérios subjacentes à maneira de pensar a dinâmica digital (e o propósito para o qual as redes sociais foram concebidas): *velocidade* (tudo em um momento e em todas as direções), *immediatismo* (sem nenhuma mediação aparente, nenhum filtro, nenhuma espera), *superficialidade* (não é necessário investigar ou verificar, nem mesmo pensar ou pesquisar, ou assegurar-se da verdade; é melhor não pensar nisso), *simbiótico* (o *smartphone* é a prótese, ou a extensão da minha pessoa e através do perfil social imprimo a imagem que quero que os outros tenham de mim)⁴².

A consequência de tudo isso é que muitas vezes interpretamos e criamos a sensação de que a *internet* seja vista como uma expressão de liberdade, sem fronteiras no ver, no ouvir, no experimentar e no ser informados. Na realidade nós “confiamos” na rede, expomos desejos e atrações de ordem privada, até mesmo aquelas mais ocultas, permitindo que ela nos conheça e nos conheça muito mais do que nós mesmos achamos que conhecemos de nós mesmos. Em termos concretos, “quando no meu perfil social indico os livros dos quais eu gosto, os filmes que prefiro, as músicas que ouço, a última viagem que fiz, o prato que amo, etc., dou à rede o ‘mundo-do-meu-prazer’”⁴³, meu mundo particular, com a confiança entre amigos íntimos ou com quem nunca vai me trair e vai manter segredo absoluto⁴⁴.

A esse ponto a Internet, uma vez detentora das minhas atrações e simpatias, positivas ou negativas, morais ou imorais (para a rede essas avaliações são completamente insignificantes), transforma-as em necessidades compulsivas, propondo frequentemente aqueles gostos e prazeres com variadas formas de persuasão, antecipando minha pesquisa e imediatamente oferecendo aquilo que desejo (ou que ela sabe que eu desejo), reforçando/seduzindo a minha sensibilidade e reduzindo minha capacidade de escolha quando me guia por uma única direção, ainda que por um momento, com um clique rápido em uma imagem, sem parar pra pensar

comportamento em lucros bilionários. Nós não somos mais cidadãos ou consumidores, mas identidades digitais” (G. Di Feo, Prisioneiros da Rede, em “La Repubblica”, 30 / III / 2019, 1).

⁴² Uma pesquisa revelou que tenho em mãos o *smartphone*, olho e toco sua tela 150 vezes ao dia, e em 95% das vezes não é para telefonar, nem atender a ligações (cf. G. Ruggeri, *Uno smartphone nella tonaca: mutazioni*, in “Vita consacrata”, 55(2019/1), 53).

⁴³ *Ibidem*, 57.

⁴⁴ O mesmo *password* estreitamente pessoal, parece garantia de um segredo inacessível ou de uma privacidade impenetrável. Fico nesta ilusão de estar protegido ou de estar inobservado. Assim são explicadas as várias licenças e liberdade che alguém acha que tem navegando pela *web*.

muito sobre isso. E assim acontece! A traição é consumada e a liberdade é comprometida, principalmente quando tudo isso se repete: a armadilha existe, mas não a vemos, ou poderíamos vê-la se fôssemos mais espertos. É por isso que podemos dizer que “a internet é um pensamento pensante que gradualmente passa a tomar conta de mim a partir de dentro. Toma a forma do meu pensamento, para dar forma ao meu pensar... rouba meu tempo não apenas quantitativo, mas como pervasividade interior”⁴⁵.

Como se vê, a questão é muito complexa, mesmo em sua lógica. Não é uma questão moral ou religiosa necessariamente; antes de mais nada, é um problema que muitas vezes o jovem, nativo ou imigrante digital, vive sozinho, mesmo que ele ainda não tenha consciência disso, sobretudo porque está cada vez mais se distanciando de sua própria consciência e, em última instância, do próprio eu e da própria liberdade/dignidade de ser ele mesmo a dar sentido à própria história, ou de procurar e escolher o próprio caminho.

Todavia, o problema afeta também a esfera religiosa se não tiver comunicação com a consciência. Desconhecendo ou ignorando suas mensagens ou sinais, a própria consciência não pode mais ser reconhecida como o lugar de encontro com Deus, santuário-sacrário de sua presença em nós, um eco de sua voz, ou lugar no qual ele nunca deixará de estar e de nos fazer sentir o que ele quer ou deseja para o nosso bem. Tudo isso é verdade em si, mas sua percepção experiencial do divino em nós não é automática, ou poderá ser distorcida e mal interpretada.

c) Argonautas digitais

Outra consequência, pertinente à escolha do próprio futuro, é relacionada à pertença à geração digital. E isso decorre do fato de que para tais jovens a relação com a verdade (e a com a moral) mudou, e a própria ideia de normatividade moral, percebida como autoritária, é questionada. No mínimo, para os jovens, “o algoritmo e o Big Data (dataismo) são fontes de autoridade e se revestem de um valor *sagrado*: esses são os novos oráculos a quem eles apelam a fim de conhecer a verdade”⁴⁶.

Se no mundo clássico grego e romano eram os pais (e às vezes os oráculos) que escolhiam o destino da família, e por consequência dos filhos, e se a partir do humanismo os sentimentos prevaleceram, talvez filtrados pelo inconsciente, como se questão a psicanálise, na sociedade dataista será o assistente digital (come forma de inteligência artificial) a condicionar, por exemplo, qual mulher “escolher” como companheira entre duas possíveis “pretendentes”. E o fará mediante à coleta de todos os dados referentes ao sujeito: desde mensagens de e-mail até ligações telefônicas com cada uma das duas; desde o tempo gasto juntos, com o tipo de comunicação estabelecido com cada um; dos gostos de assunto em geral às suas preferências

⁴⁵ *Ibidem*, 55. 57.

⁴⁶ Cf P.Benanti, *Oracoli. Tra algoretica e algocrazia*, Sossela, Roma 2018, pp.48-53.

sexuais; de filmes vistos a desejos ocultos; do DNA do sujeito à história biométrica de seu coração (com tabelas relativas e níveis de batimentos cardíacos, pressão arterial, glicoses, reações bioquímicas internas, ou psicossomáticas em cada encontro com cada uma das duas mulheres). Todos esses dados comparados com os algoritmos e estatísticas de milhões de casais nos últimos anos, indicarão a pessoa compatível ou a porcentagem de probabilidade de gratificação (=de bem-estar psicofísico) de acordo com uma ou outra. Com tanta ênfase ao sentimento e à assim chamada paixão de amor e, obviamente, sem levar em consideração a sensibilidade da outra parte!

Enfim, trata-se de uma conclusão fria e até um pouco delirante do nível de individualismo e mecanicismo. É basicamente um cálculo, mas o dataísmo está gerando novas crenças, uma nova forma de acreditar e confiar. É a religião dos *argonautas digitais*, que “legitima uma nova fonte de autoridade ... até a sujeição a um novo *motor imóvel* que se faz amar, mas não ama. (...) Não exige nenhuma história, porque está baseada em dados. Não necessita da Providência, porque o algoritmo fornece tudo. Não estabelece reciprocidade no amor, porque serão os cálculos que indicam a alma gêmea”⁴⁷, não há, nem mesmo, necessidade de discernimento vocacional, nem de um diretor espiritual, porque haverá um “assistente digital” impessoal para resolver o problema, para estabelecer talvez a duração da experiência (nessa lógica, nada é para sempre), sua capacidade de gratificação, possíveis cenários futuros onde não há incertezas, talvez, pela exatidão do cálculo (pelo menos por sua presunção) ... Certamente sem mais necessidade de pensar sobre a formação da consciência, ou da sensibilidade, uma vez que “a inteligência artificial substitui a consciência humana e o cálculo a contemplação”⁴⁸. E não apenas isso, mas de alguma forma induz a pessoa a desaprender a pensar, a se aprofundar, a confrontar-se não somente com a verdade, mas nem mesmo com o próprio mundo interior (*com os dèmone* e as aspirações que os habitam).

d) Comunidades e autoridades virtuais

Diante do exposto, destacamos uma dupla consequência deste processo: a consciência, como senso de juízo do jovem, *está mais determinada pelo exterior, sem que a própria pessoa perceba*. Quase uma fuga⁴⁹. Este fenômeno é realmente intrigante: vimos que o jovem de hoje tem uma relação difícil com moral e qualquer norma vinculante, porque que é imposta de fora, porém a mesma atitude com as redes

⁴⁷ Occhetta-Benanti, *Argonauti digitali*, 466. 477.

⁴⁸ Deste modo continua a sua severa análise crítica o filósofo R. Mancini: “o conformismo de autômatos substitui a livre decisão filosófica ou de fé a um sentido de vida e o regime da indiferenciação – onde não há distinção entre bem e mal, progresso e regresso – aprisiona as culturas na confusão e no desprezo por diante daquilo que é considerado um estrangeiro” (R. Mancini, *Verità e libertà tra fascino e paura*, in “Presbyteri”, 53/2(2019), 88).

⁴⁹ Segundo o Frei Raniero Cantalamessa hoje “evadir, ou seja, sair para fora, é a palavra em voga. Existe até uma literatura de evasão, espetáculos de evasão. A evasão é por assim dizer institucionalizada. Enquanto o silêncio amedronta. Não se consegue viver, trabalhar, estudar sem alguma voz ou música ao redor. É uma espécie de *horror vacui*, de medo do vazio, que empurra para fora de si. (“*Rientra in te stesso*”, 2a predica di Quaresima alla Curia Pontificia, cf zenit 22/III/2019).

sociais modernas, que o submete a uma dependência, tudo isso sem perceber a autoridade e força que eles exercem sobre o indivíduo.

Como mencionamos antes, a lógica da internet não inclui argumentação e reflexão, verificação e análise em profundidade, comparação com as fontes e o processo de convencimento do sujeito, o qual é convidado explicitamente a não pensar diante de dados e informações que a *web* despeja gratuita e abundantemente sobre ele, dispensando-o do velho, humilde e paciente esforço de “pensar sobre isso”. O momento é o critério da verdade hoje. Agindo assim, o risco é iminentemente sério e digno de atenção: é o perigo em que tudo se volta lentamente para o exterior, onde pesquisas que se apresentam fidedignas (em vez disso, são simples sondagens) ou, num nível inferior, agentes desconhecidos fatores incontrolláveis (vide presunçosos *maîtres à penser*, ideologias ideologizantes, “Big Brother” ou simplesmente agentes/mecanismos publicitários) lentamente se impõem sobre o indivíduo, condicionando-o inconscientemente ou até mesmo enganando-o. O próprio sujeito, novamente, naquele momento desiste de decidir por que ele “faça aquilo que tem vontade” e não percebe que outros redirecionaram aquela “vontade” (nunca é objeto da autocrítica), enquanto a consciência como uma capacidade de escolha pessoal e responsável trona-se confundida com uma apressada e irrefletida ‘curtida’, induzida fora do sujeito e guiada pelo *mouse*.

De tal modo, e essa é a segunda consequência, se cria uma espécie de *inconsciência pessoal ou coletiva*, que nada tem a ver com a consciência comumente entendida, muito menos no sentido cristão. Refere-se a uma *comunidade virtual* da qual o sujeito realmente se sente membro e à qual ele reconhece a autoridade, pela qual corre o risco de ter anulada sua própria misteriosa e sublime dignidade de escolher e decidir, na liberdade e responsabilidade. É o fenômeno do mar que desgasta aos poucos o solo praia e, esta por sua vez, retrocede. Ou ainda – permanecendo numa metáfora líquida – é a negação do Eu, sua passagem para um estado líquido (quase o ato final da profecia de Baumann sobre a sociedade), engolido pela maré que tudo uniformiza a partir da inconsistência do seu caminho (de)formativo.

Evidentemente, será dito que a internet também é uma nova oportunidade, expansão de suas fronteiras, enormes possibilidades de contato..., e que não há necessidade de demonizar ou ver apenas o seu lado negativo. E é justamente isso que queremos evitar, a fim de saber com maior propriedade e realismo por onde começar a trabalhar com a geração moderna de jovens, de modo que o Evangelho seja evidenciado cada vez mais como a Boa Nova, a mais bela para quem encara a vida.

2.3. *Da primeira geração que não crê à primeira geração que discerne*

Estamos na parte central da nossa reflexão, na passagem estratégica de uma situação que delineamos com suficiente precisão (o jovem de hoje em crise de fé e orientação geral) e no ponto decisivo a seguir (fé e/ou decisão vocacional). Em meio a

tudo isso está o jovem, (feito) frágil na capacidade e liberdade de escolha. Consequentemente, a intervenção formativa só pode ser direcionada para reforçar essa capacidade de liberdade, com tudo o que isso significa e implica. Esta é também, como já indicamos, a atitude do Sínodo, quando a partir do título propõe o discernimento vocacional. Isso não seria novidade se não fosse seguido de uma proposta explícita de acompanhamento neste sentido. O discernimento é uma arte que se aprende, somente e através da ajuda de um irmão/irmã mais velho(a), na fé e no seguimento a Cristo, que de alguma forma transmite essa arte ao longo de um caminho de acompanhamento frequente. Nem mesmo o discernimento cristão é uma mera metodologia, mas atenção ao próprio mundo interior, à própria sensibilidade, a fim de que a pessoa se torne cada vez mais capaz e livre de experimentar a atração pela beleza, de apreender o fascínio da verdade e de escolher com decisões concretas o bem e aquilo que torna boa a vida e a pessoa.

Para tanto, é necessário fazer, com atenção e responsabilidade, o percurso formativo da consciência do jovem de hoje para que ele redescubra o gosto e a beleza de ser protagonista da própria vida.

3. Pedagogia do discernimento vocacional

Identificamos até agora o ponto fraco e estratégico: a consciência do jovem, objeto pelo qual o Sínodo construiu a sua proposta. Uma consciência que hoje corre o risco de ser roubada, e sobre a qual é, portanto, importante intervir em termos de sua formação. O discurso é mais complexo do que se pensa, mas tentarei aqui vê-lo apenas de um particular ponto de vista, o psicológico.

3.1. *Sensibilidade vocacional*

De acordo com a perspectiva psicológica, a consciência é uma expressão da nossa sensibilidade. Se a consciência, de fato, indica – além do estado de vigilância sobre nós mesmos e o grau de autoconsciência – a capacidade de julgar a realidade dentro e fora de nós; a sensibilidade *é aquela orientação emocional, mas também intelectual e decisional, já presente em nós e que é constantemente formada através de nossas escolhas, o que nos atrai em uma direção particular e consequentemente nos faz escolher de forma correspondente*. Sensibilidade significa fazer uso dos sentidos (externos e internos), sensações, emoções, sentimentos, afetos, simpatias, gostos, desejos, critérios eletivos, julgamentos, paixões... Esta orientação começou a se formar muito cedo em cada um de nós e, como mencionado, continua a ser formado em virtude de nossas escolhas que nunca são neutras e insignificantes, mas todas importantes porque orientam energia em uma ou outra direção. Como resultado, *cada qual é responsável pela própria sensibilidade*, ou em termos ainda mais realista: cada um tem a sensibilidade que merece e que construiu dia-a-dia (ou de escolha em escolha). E se “consciência” imediatamente faz pensar em algo intelectual e que se

formou sobretudo através do estudo (dos textos da teologia moral), o termo sensibilidade refere-se à ideia de algo que não é apenas mental-racional, mas implica também a emotividade que “sente” e a vontade que decide e que se forma continuamente ao longo da existência. É por causa da sensibilidade que sentimos atração ou rejeição; sentimos simpatias ou antipatias; julgamos algo bom ou mau, belo ou feio, moral ou imoral, até nos “sentimos” Deus, ou criamos uma certa imagem dele ...

Não é somente isso. Se a consciência é sobretudo de tipo moral, a sensibilidade existe ou se desenvolve em diferentes níveis: intelectual, estética, moral, penitencial, crente, orante, pastoral, missionária, e todas reciprocamente relacionadas, uma influencia a outra. Há também uma *sensibilidade vocacional (SV)*. É precisamente sobre esta que se deve intervir em vista a um autêntico discernimento vocacional. É difícil que nasça uma vocação numa pessoa que não tenha a SV. Poderíamos defini-la da seguinte maneira: *a SV é aquela orientação interior que nasce do desejo de procurar o próprio lugar na vida e colocar-se numa atitude de escuta do quanto e de quem possa ajudar nesta busca com a coragem de decidir livre responsavelmente*⁵⁰.

Poderíamos dizer, ainda, que, fazer animação vocacional significa aumentar esse tipo de sensibilidade. Uma intervenção, portanto, que visa não apenas provocar um gesto, mas sobretudo formar no jovem uma atitude ou disposição interior em vários níveis ou âmbitos de sensibilidade que são várias formas de desejo. Em outras palavras, a sensibilidade vocacional não é algo isolado que nasce espontaneamente ou a partir de uma intervenção, mas é e indica apenas uma expressão, uma estrela desta *constelação de várias sensibilidades*. É importante indicá-la nesta constelação, pois cada elemento representa um caminho pedagógico linear que pode dar fruto.

3.2. *Pedagogia vocacional*

Eis os tipos de sensibilidade que precisam ser ativadas para se chegar a um discernimento vocacional.

a) *Sensibilidade intelectual-verificável*

É a sensibilidade de quem *quer pesquisar e encontra respostas antes de tudo com a própria razão*, porque se trata do seu futuro. Nasce não apenas de uma necessidade irreprimível da verdade, mas da certeza de que é possível encontrá-la e procurá-la apaixonadamente. Não é verdade filosófica e nem mesmo religiosa, antes de mais nada, é a *verdade de si mesmo*, a própria identidade. Impossível não sentir a necessidade de descobri-la. É proibido considerá-la com algo descontado.

⁵⁰ Para aprofundar mais sobre este assunto, sugiro meu livro “*Dall’aurora io ti cerco*”. *Evangelizzare la sensibilità per imparare a discernere*, San Paolo, Cinisello B. 2018.

b) Sensibilidade orante-obediente

Não é simples ou imediato examinar o mistério da vida. É por isso que a dimensão religiosa tem seu espaço aqui. Quem crê sabe que somente aquele que lhe deu a vida pode revelar seu significado e o lugar a ocupar. É por isso que ele não apenas reza, pedindo-lhe a graça de entender seu próprio futuro, mas se coloca na atitude de alguém que procura com um determinado estilo, de *vir ob-audiens*, daquele que coloca a mão ao ouvido para escutar algo muito importante para ele, qualquer sinal, voz, pista ... que de alguma forma possa guiar seu caminho. Para vir a reconhecer e distinguir a voz d'Aquele que chama *Eternamente* (ou d'Aquele que ama).

c) Sensibilidade espiritual-teológica

Existe uma condição fundamental para entender o sonho de Deus sobre a própria vida: *entrar em sintonia com ele, assumindo sua vontade, seus projetos, seus sentimentos e desejos, por fim sua própria sensibilidade...* Isso não significa simplesmente ter uma conduta correta e irrepreensível, mas enxergar as coisas e as pessoas, colocar paixão para enfrentar a dor e o mal do homem. Aquele olhar e a aquela paixão que levaram o *Filho, Servo, Cordeiro* a se entregar pela humanidade. Isso não significa dizer que o jovem esteja maduro nesta fé, mas que intua, que será capaz de escolher de acordo com a Vontade de Deus, na medida em que estiver em sintonia com Ele e com sua Palavra, a tal ponto que esses desejos sejam uma exigência do coração. É por isso que o caminho de discernimento vocacional é antes de tudo uma jornada de busca pelo próprio Deus.

d) Sensibilidade ético-moral

Por vezes, a vocação é apresentada em seus termos e extraordinários, como se aqueles que fizeram uma determinada escolha fossem pessoas excepcionais e especiais (na verdade, nós os chamamos de vocações “de especial consagração”). Não parece ser uma interpretação mais inteligente e conveniente. Quem escolhe de acordo com o coração de Deus compreende uma verdade tamanha para além do aspecto humano-psicológico, que se transforma em escolha ética e moral. É a verdade da vida, segundo a qual *a existência humana é um dom recebido que tende, por sua própria natureza, tornar-se um bem doado*. A vocação é toda construída sobre essa lógica fundamental e, por sua vez, é algo lógico que qualquer pessoa inteligente e honesta intui. Não é estranho decidir dar a vida e entregar-se à vida; estranho seria o contrário, se é que existe alguma coisa fora de lógica e moral. E isso é verdade para todos. Cada um é livre para fazer a melhor escolha para o seu futuro, mas *não é livre para esquivar-se desta lógica*, porque escolheria seu próprio mal, algo profundamente ilógico e imoral.

e) Sensibilidade redentora-relacional

Houve um tempo em que havia uma tendência a apresentar a vocação como o cumprimento daquela imagem-semelhança com Deus que o próprio Criador pensou para a criatura: seria o modelo *criativo*, teologicamente correto. Mas é possível dar um passo adiante e pensar no chamado de acordo com o modelo *redentor*. A vocação nunca está simplesmente em função do indivíduo, de sua realização ou de sua salvação particular, mas, se é verdadeiramente vocação cristã, torna-se imperativo *o cuidado do Outro*, da sua felicidade e da sua salvação. Afinal, se Cristo nos salvou na sua cruz, nos tornou capazes – por sua Graça, obviamente – de fazer a mesma coisa que ele fez: de amar com o coração, de se tornar a salvação (ou a mediação da salvação) para os outros. Grande Mistério! Mas é também uma vocação mais atraente e convincente, porque dá e pede ao homem o seu máximo.

f) Sensibilidade humana-cristã

Neste ponto, o jovem é colocado diante da verdade da vida, em um nível humano (a vida como um presente recebido que tende a se tornar um presente), mas também um nível cristão (Cristo como aquele que, salvando-nos, nos pede para participar responsavelmente na salvação dos outros). E é fundamental que a perspectiva vocacional pareça verdadeira em ambos os níveis, ou represente o caminho para realizar plenamente a própria humanidade e, ao mesmo tempo de viver plenamente a própria radicalidade batismal.

g) Sensibilidade verdadeira-bela-boa (àquilo que é verdadeiro-belo-bom)

Uma consequência desta síntese entre o aspecto humano e o de fé é a atitude daqueles que estão em condição de fazer uma escolha porque a percebem como *verdadeira*, em si mesma (é aquilo que Deus parece querer para mim) e para si mesmo (é minha identidade), *bela* (é algo que me atrai, é atraente), e *boa* (é aquilo que torna boa a minha vida). Não apenas *verdadeiro*, *belo* ou *bom*, mas *verdadeiro-belo-bom* ou convincente-atraente-exigente. Uma junção das sensibilidades cognitiva, estética e ética.

h) Sensibilidade mistério-transcendental

Também é importante formar-se no sentido *do mistério e do transcendente*, como uma expressão do homem “grande demais para ser auto-suficiente” (Pascal) e que é “misteriosamente” atraído às possibilidades mais elevadas. Não se pode ser feliz se si decide fazer ou mesmo ser um milímetro a menos daquilo que poderia fazer ou ser. Não é apenas uma questão de ser fiel e obediente ao Deus-que-chama, mas de entender que o homem “é feito” por algo maior que ele, que a princípio parece impossível para ele, mas que lhe dá felicidade duradoura. Qual é a alegria daquele

Deus, como já dissemos, que não quer fantoches obedientes e executores das suas ordens, mas filhos felizes.

i) Sensibilidade confiança-decisional

Quem escolhe a partir da fé, no entanto, coloca-se em uma situação diferente daquelas que aprenderam a fazer escolhas de acordo com uma lógica humana. A escolha que para na lógica terrena, de fato, é muito limitada por ser muito presunçosa: deve ser *segura*, sem a menor chance de cometer erros; sem perder nada ou desistir; *clara e distinta*, bem definida em todas as suas fases e objetivos; *na medida do sujeito e calculada* em suas capacidades; *verificável e reversível*, com várias rotas de fugas (saída de segurança) e respostas alternativas e nunca definitivas. Nestas condições, é previsível que tais escolhas não sejam muitas.

A decisão cristã, por outro lado, coloca-se em xeque; quem obedece na fé não reivindica segurança humana absoluta; é uma escolha a preço alto, tendendo à doação total de si mesmo, ao máximo daquilo que alguém pode dar; é precisa, *mas nunca completamente clara*, isto é, livre da pretensão de prever tudo e eliminar qualquer imprevisto; é motivada pela *confiança*, não pelo cálculo e pensada *a partir da Vontade de Deus*. Portanto, *corajosa e para sempre*, sem medo, sem se sentir sozinho. Ou seja, o cristão pode escolher muito mais em quantidade e qualidade, sobretudo se ele for ajudado e *pro-vocado* a ativar sua própria sensibilidade vocacional, em todas as suas variáveis.

SUMÁRIO

A PRIMEIRA GERAÇÃO QUE DISCERNE

Do abandono da Fé à graça da escolha

1. A experiência sinodal	01
1.1. “Igreja e Sínodo são sinônimos”	01
1.2. Do Sínodo dos bispos sobre os jovens ao Sínodo dos jovens sobre a Igreja	02
1.3. Os jovens, símbolos de uma Igreja que se renova	04
a) Lugar psicológico: os jovens como termômetro de mudança	04
b) Lugar teológico: novidade e jovialidade permanente da fé	05
c) Lugar sociológico: o fim do Cristianismo convencional	06
d) Geração incrédula?	08
2. Proposta do Sínodo: discernimento e geração digital	09
2.1. Centralidade da consciência que discerne	10
2.2. Qual é a consciência da geração digital?	11
a) Nativos digitais	11
b) Imigrantes digitais	12
c) Argonautas digitais	14
d) Comunidades e autoridades virtuais	15
2.3. Da primeira geração que não crê à primeira geração que discerne	17
3. Pedagogia do discernimento vocacional	17
3.1. Sensibilidade vocacional	17
3.2. Pedagogia vocacional	18
a) Sensibilidade intelectual-verificável	19
b) Sensibilidade orante-obediente	19
c) Sensibilidade espiritual-teológica	19
d) Sensibilidade ético-moral	19

<i>e) Sensibilidade redentora-relacional</i>	20
<i>f) Sensibilidade humana-cristã</i>	20
<i>g) Sensibilidade verdadeira-bela-boa (àquilo que é verdadeiro-belo-bom)</i>	20
<i>h) Sensibilidade mistério-transcendental</i>	21
<i>i) Sensibilidade confiança-decisional</i>	21